

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo

Class.:

Data: 09.11.84

Pg.:

1970 Pistoleiros não permitem hospitalização de índios

Da Sucursal de Brasília

Pistoleiros dos fazendeiros Jorge Leite e Marcos Vanderlei impediram o internamento de dois índios pataxó que foram levados ao hospital de Camacã (BA) pelo médico Antônio Carneiro. Com armas em punho, os pistoleiros obrigaram o médico a retornar para a fazenda São Lucas, ocupada pelos índios. A denúncia foi feita ontem pelo chefe de gabinete da Funai, Marcos Terena.

Informou ainda Terena que quatro pistoleiros de Jorge Leite estão impedindo os índios de trabalhar na roça da área indígena. "Ontem — disse Terena — os pistoleiros, armados, botaram os índios pra correr e agora os pataxó temem não mais poder trabalhar".

A situação na área continua sob

tensão, obrigando o antropólogo Cláudio Romero a retornar à reserva indígena. Segundo Terena, "a Funai solicitou ao governo da Bahia o envio de mais soldados da PM para impedir um enfrentamento". Apesar dos insistentes pedidos da Funai, tanto a PM baiana como a Polícia Federal não têm controlado os pistoleiros que ameaçam os índios.

Helicóptero cai

Um helicóptero da Líder com quatro ocupantes, entre eles o pessoal do Serviço Geográfico do Exército que estava a serviço da Funai no trabalho de demarcação do Parque Indígena do Xingu, caiu anteontem. Segundo o chefe de gabinete da Funai, o Parasar iniciou ontem os trabalhos de localização da aeronave.

Pataxó prometem resistir em Pau Brasil

LEÃO SERVA

Editor-assistente da Ilustrada

PAU BRASIL — Depois de duas horas esperando na sede deste pequeno município cacauero a autorização dos agentes da Polícia Federal para entrar na reserva dos índios pataxó, localizada a seis quilômetros da cidade, cheguei a pensar que não me seria permitido ir até lá. Não há qualquer entendimento legal para isso, mas verdadeiramente um ânimo contrário, um desejo de que os índios não sejam vistos, de que não se fale com eles, mas apenas com os policiais e os representantes da Funai.

Quase ao meio dia, o agente Moraes me disse que iria a reserva buscar o delegado da Funai, Lúcio Flávio Coelho, e eu falaria com ele em Pau Brasil. Segui-o até a entrada da reserva e fui autorizado pelos funcionários do órgão tutor a entrar com o carro até o posto, onde esperei os líderes da tribo. O carro com placa de São Paulo atraiu os índios. Há em todos eles um vago pessimismo que se nota na resposta que dão ao cumprimento "tudo bem?". "Não tá muito bom não", dizem automaticamente.

Entre cerca de cem pessoas que conheci (a maior parte voltando para o trabalho), só dois homens eram mulatos. No entanto, na cidade de Pau Brasil se diz que entre os mil habitantes da reserva apenas duzentos são índios.

Depois de meia hora de conversa com vários habitantes aparece um grupo que caminha em minha direção, onde também estava o cacique Néelson Saracura vestido com trajes rituais de guerra. Borduna na mão,

cocar na cabeça, todo pintado, parecia um ator, em meio aos outros líderes a sua volta, vestidos como qualquer brasileiro pobre.

O cacique também respondeu meu cumprimento com o "não tá muito bom não", deflagrando imediatamente um violento discurso contra os fazendeiros, a polícia, Juruna e outros personagens de sua tragédia.

"Eu quero ver se tá bom, diz Saracura. Eu não acredito que tá bom os fazendeiros continuarem ignorando que tem polícia. E a polícia não tá aqui pra incomodar os grileiros. Eles passam na estrada, mas não param aqui. Nós já falamos quem eram os homens que atiraram em meu 'irmão' Antônio Júlio (índio baleado na semana passada), e não vi eles prenderem ninguém. O dia todo os carros cheios de pistoleiros passam pela estrada, às vezes dão tiros. Eu só tô esperando para ver a Justiça, que ação eles vão tomar".

Saracura pede a ajuda de Samado, um velho índio que usa óculos raibam para esconder o olho direito cego. Samado conta a luta dos pataxó, que desde 1947 vêm lutando para recuperar as suas terras, ocupadas por antigos arrendatários.

Lúcio Flávio Coelho, delegado da Funai, acusa os fazendeiros de montar um cerco à reserva pataxó com homens armados. Aparentemente isso faz parte de um plano para chamar a atenção dos governos federal e estadual e inviabilizar a permanência dos índios na região. O ânimo dos pataxó, no entanto, revela o espírito guerreiro. Preferem a morte a deixar a terra onde nasceram seus pais e onde querem que os filhos vivam.